A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); J. C. Machado; J. de Menezes; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor etc.

SUMMARIO

CHRONICA

Cahiu o ministerio!

Ha quatro dias successivos que esta phrase anda por ahi de bocca em bocca, a correr mundo, n'um gyro vertiginoso e irrequieto, fazendo gemer todos os prelos, zunir todos os fios telegraphicos, palpitar de intimo jubilo

RIO TAMEGA

todos os corações, até mesmo os dos ministros tombados e os da maioria desfeita.

Ha noventa e seis horas que esta nova, desde muito esperada, faz o *tour* do paiz e da Europa e do mundo inteiro, suspensa das columnas das gazetas noticiosas. Não ha burgo podre e aldeia recondita onde ella não tenha echoado já, levada nas malas do correio ou nas correntes da electricidade alviçareira.

Cahiu o ministerio! Mas porque cahiu elle? pergunta-se. Porque tinha vivido muito, porque tinha vivido de mais. Cahiu como cahem todas as coisas velhas e todos os fructos maduros; cahiu porque os seus dias estavam contados, e, sobre tudo, porque lhe dera o pecco do nobre bailio de Malta. Coisa onde elle chegue, ha de cahir por força, ou na lama, ou no ridiculo, ou nas viellas sombrias, ou na cova.

Diz-se das creanças que quem se deita com ellas amanhece enxovalhado. O governo—*honny soit qui mal y pense*—deitou-se com o marquez, com aquelle *gros bébé* viscoso, nos maus lençoes de Braga, e não só amanheceu enxovalhado, mas amanheceu morto, o que é muito peior.

Eis como uma folha affecta á situação demissionaria narra os tramites da crise ministerial:

«Desde terça feira que o ministerio estava em crise. A infeliz questão, que se levantara entre Guimarães e Braga, e que só o patriotismo de todos poderia resolver, aggravara-se cada vez mais, sem que os esforços do governo para encontrar uma resolução pacifica e honrosa para as duas cidades colhessem bom resultado. Penetrara no espirito do governo o convencimento de que era impossivel, com as camaras abertas, alcançar a pacificação. Julgou por conseguinte o governo indispensavel o adiamento das côrtes, para que se podesse cuidar seriamente da pacificação e da manutenção da ordem.

Na terça feira o presidente do conselho communicou a el-rei as suas impressões, e el-rei desejou reflectir maduramente na hypothese que lhe era apresentada. Desde esse momento estava determinada a crise.

Na quarta feira el-rei respondeu que não podia concordar com o adiamento. N'essa noite o conselho de ministros resolveu apresentar a sua demissão. Essa resolução, tomada unanimemente, foi acceite na quinta feira pelo chefe do Estado, que chamou o sr. José Luciano de Castro a organisar novo gabinete.»

Ora ahi está, descripta em dois traços por uma folha regeneradora puritana, a historia da ultima crise, que o illustre bailio architectou durante a sua luminosa gerencia administrativa na capital do feiticeiro Minho, n'aquella Braga ainda ha pouco revolucionada, onde hoje tudo é festa, ruido, illuminações, hymnos congratulatorios, vivas enthusiasticos e bandeiras desfraldadas ao vento.

E ainda bem, para todos nós, que o marquez provocou a queda do ministerio; ainda bem, para o paiz e para os proprios ministros cahidos, que elle fez esta grande obra redemptora. S. ex.ª deu-nos uma sensação quasi nova, que desde longos annos não experimentavamos. Menos felizes que os francezes, os filhos da galharda Albion e os nossos visinhos da versatil Hespanha, onde os ministerios caem todos os dias, nós não gozavamos ha muito, de portas a dentro, o espectaculo recreativo da queda d'um governo. Era tudo recomposições, remendos, rebocos, concertos, arranjos, mas a respeito de obra nova, viste-l'a. A situação lá se ia arrastando, concertando e remendando sempre, ao passo que Jules Ferry dava com os burrinhos n'agua, Canovas del Castillo com a carga de mel á porta da estalagem, e lord Salisbury com as respeitabilissimas ventas n'um sedeiro.

Emquanto os conservadores hespanhoes e inglezes caiam diante de Sagasta e de Gladstone, os seus confrades politicos da velha Lusitania aguentavam-se pertinazmente, persistentemente no poder, luctando *au jour le jour*, hoje com o cholera, que ameaçava invadir-nos, amanhã com Bismarck, que pretendia roubar-nos, agora com a maioria indisciplinada, logo com a opposição desabrida, depois com os guardas d'alfandega que não queriam alistar-se, mais tarde com o exercito que repellia os officiaes de *galão branco*, com o paiz que se recusava a pagar impostos, com o inferno em peso. Só não poude luctar contra a obra do sr. marquez de Vallada, e como não poude, cahio. Era tempo.

O que eu admiro, no fim de tudo, é a coragem sobre-humana e a paciencia verdadeiramente evangelica com que os ministros derrubados supportaram sobre os hombros, por tão largo periodo de tempo, o pezo flagellador da cruz governativa. Porque emfim,—está mais que provado,—a patria não tem juz a estes sacrificios longos e heroicos. O indigena, que pede escolas e caminhos de ferro e telegraphos electricos e providencias caras contra epidemias imminentes, mas que se recusa a pagar tudo isso, como se tudo isso cahisse das estrellas luminosas ou d'um raio de lua propicio e bemfasejo, não merece que o sr. Pinheiro Chagas abstraia quasi por completo do seu remanso familiar, das suas chinellas bordadas e commodas, dos seus folhetins humoristicos, das suas pesquizas historicas, dos seus brinquedos com a prole infantil e irrequieta, das suas traducções brilhantes para o theatro e dos seus bellos cavacos de redacção, para ir todos os dias aturar na camara a rhetorica apopletica do sr. Elvino de Brito.

O paiz não agradece ao sabio sr. Bocage que elle descure o estudo das suas ricas collecções zoologicas, para supportar quotidianamente em S. Bento o verbo mascavado do padre Luiz José Dias.

E d'ahi, a verdade é esta, o ministerio precisava de ir ouvir a *Gioconda*, recreiar-se diante dos seus bailados originalissimos, da sua esplendida scenographia, das perolas melodicas que se desprendem, em torrentes, d'aquelle formoso *spartito*, ensaiado a primor por Mancinelli, cantado com inexcedivel esmero pela Borghi.

O sr. Barjona tinha pruridos de admirar, na *matinée* da Trindade, mademoiselle Synay, uma violinista brazileira de extraordinario talento.

O sr. Thomaz Ribeiro, como amigo das boas lettras, não queria faltar á *première* da *Diana*, no Gymnasio.

Todas estas novidades encantadoras tentaram o gabinete. Fugir á tentação, amanietado ao carro da governança, era o cumulo do sacrificio. Mas o sr. bailio deu-lhe pretexto para alijar o peso da cruz tanto tempo supportada e para se restituir á vida alegre dos simples mortaes.

O ministerio cahio!

Os ministros divertem-se!

CASIMIRO DANTAS.

RECORDAÇÃO

Quando morreu, a minha doce amada,
—Qual pomba f'rida em donairoso adejo—
Eu fui poisar-lhe docemente um beijo
Na eburnea fronte—tanta vez beijada!

Como era linda no caixão deitada!
A imagem sua, eternamente eu vejo...
Nos olhos tinha um ultimo lampejo,
Marmorea a fronte, pallida e gelada...

Loira, bem loira a perfumada trança
Enfeitava-lhe o rosto de creança;
Seu labio de carmim já não sorria...

Era tão bella no seu calmo somno,
Serena e triste como um céo d'outono,
Pallida e loira, muito loira e fria..

Porto. M. OSORIO.

A DEMAGOGIA MIGUELISTA

As torturas padecidas pelos constitucionaes encerrados pelo governo de D. Miguel na torre de S. Julião da Barra constituem uma das paginas mais negras da historia do dominio absolutista. A historia dos horrores que alli se praticaram encheu de indignação todas as almas, e os proprios partidarios de D. Miguel se revoltaram com a noticia dos crimes alli commettidos. E' necessario comtudo que a recordemos agora, porque nos serve para caracterisar bem uma epoca e um regimen.

Havemos de fazel-o com a maxima imparcialidade, é claro, nem essa imparcialidade nos custa a nós que estamos já tão longe dos acontecimentos que não padecemos nem ouvimos aos que padeceram a historia dolorosa dos seus martyrios. Servir-nos-ha porém essa narrativa para tornar bem patente a feição especial d'essa epoca no nosso paiz, epoca demagogica, apezar de não ser democratica, epoca de Terror, exatamente semelhante ao Terror democratico, com o mesmo caracter de anarchia, de desmandos brutaes, de desencadeiamento de todas as paixões selvagens.

O despotismo do marquez de Pombal ou o despotismo de Luiz XIV ou o de Napoleão I era um despotismo ordeiro, ferreo, terrivel, mas que vinha de cima, e que se impunha a todos tanto aos que eram seus instrumentos como aos que eram suas victimas. Cumpria-se rigorosamente o que os chefes ordenavam, mas tremia-se de o exceder porque era tão punido o excesso como a deficiencia.

No tempo do governo de D. Miguel não succedia assim. O despotismo era anarchico, o que triumphava era a demagogia. D. Miguel era o chefe, escolhido pelas suas qualidades ou antes pelos seus defeitos pessoaes. Assim como a Convenção em França soltára os diques á massa confusa dos violentos, dos criminosos, dos pequenos tyrannos, e dos chefes de motim, assim tambem o governo de D. Miguel, que saira da revolução, apesar de se dizer contra-revolucionario, porque viera destruir um regimen legalmente estabelecido, e que tivera uma origem legal, não fazia senão abrir a porta a todos os excessos, que elle proprio não poderia cohibir ainda que o quizesse.

Não queria. D. Miguel tivera uma educação, que o fazia propender sempre para a brutalidade. As suas predilecções arrastavam n'o a conviver com gente que não apreciava e applaudia senão as resoluções violentas, o ministro predominante do seu conselho, o conde de Basto, pertencia áquella classe fria dos homens de systemas a que pertencia tambem Robespierre. O que era para este a guilhotina, era para o conde de Basto a forca. D'ahi provinham as ordem violentas, que, executadas em baixo por instrumentos demagogicos tomavam logo um caracter de ferocidade.

Foi o que succedeu na torre de S. Julião.

O governo atulhou-a de presos, colhidos na rede das suas perseguições politicas, desejou que a torre fosse para elles um sitio desagradavel, de fórma que a punição fosse rigorosa, mas não encarregou de certo o general Telles Jordão e os seus subordinados de praticarem as atrocidades que praticavam. O que se fazia ali era mais uma prova de anarchia que por todo o reino grassava. Assim como por toda a parte os presos eram insultados e maltratados, não só com o assentimento, mas com a cumplicidade dos soldados que deviam guardal-os, e protegel-os, assim Telles Jordão maltratava os presos á sua vontade, e os subordinados de Telles Jordão maltratavam-n'os tambem, excedendo as ordens do seu chefe, sem que este os reprimisse. Ha factos que provam exuberantemente o que acabamos de dizer:

Em primeiro logar, Telles Jordão revoltava-se abertamente contra as ordens que vinham da secretaria, quando essas ordens estavam em contradicção com as suas idéas violentas.

«Um vislumbre de ostentosa e falsa justiça, diz João Baptista da Silva Lopes, descortinámos no aviso do novo ministro João de Mattos Barbosa de Vasconcellos dirigido ao intendente geral de policia, Barata, em 30 de abril, publicado na *Gazeta* de 2 de maio: ainda presumimos que houvesse no governo alguma moderação nos atrozes procedimentos, que por todo o reino tinha mandado e consentido que se pozesse em pratica. A commissão já creada para conhecer das monstruosas anomalias das devassas, e que alguns innocentissimos havia despronunciado, dava azos a conceber-se alguma esperança. Os demagogos, porém, levantavam altos clamores: o nosso bachá trovejou contra o Mattos, que tambem appellidava de pedreiro livre; nas suas palestras com os officiaes no adro da egreja vociferava contra todos os seus mesmos mandões; levava tudo a eito, não escapando o seu rei, do qual dizia: *Que se não governasse bem*, isto é, á sua vontade) *fariam outro, assim como o tinham feito a elle.*» (1)

Assim era com effeito. D. Miguel era cegamente adorado pelas turbas, mas deixaria de o ser, se se tornasse clemente, misericordioso, tolerante. Assim como Telles Jordão já classificava de pedreiro livre João de Mattos Barbosa de Magalhães, porque elle dera indicios de se revoltar contra as barbaridades que se estavam commettendo nas prisões, assim o proprio D. Miguel passaria a ter o odio das multidões fanatisadas, se deixasse de ser o representante coroado de todas as paixões furiosas que rugiam no seio da plebe portugueza.

Já o dissemos algures: Se o Terror miguelista tem uma grande analogia com o Terror da Convenção, tem então uma parecença perfeita com o Terror da Liga em França. Tinhamos os mesmos furores religiosos, os mesmos frades armados, os mesmos prégadores populares, os mesmos pamphletarios apaixonados. As intolerancias fanaticas parecem-se todas umas com as outras, e o movel que produziu os horrores de Paris e os horrores de Lisboa foi sempre o fanatismo — fanatismo reaccionario, ou fanatismo revolucionario, inflammando-se contra os jacobinos ou contra os *ci-devants*, contra os pedreiros livres, ou contra os *curés*, mas empregando exactamente os mesmos processos.

Restringindo-nos agora ás prisões, veremos que são exactamente as mesmas violencias e os mesmos maus tratos que se fazem á familia real no Templo, aos presos liberaes na Torre de S. Julião. As atrocidades praticadas pelo official Maia são as mesmas pouco mais ou menos praticadas pelo sapateiro Simon, com a differença apenas de que não tinha aquelle uma creança a maltratar. As brutalidades dos guardas nacionaes com a rainha, com o rei, e os fidalgos, as suas familiaridades grosseiras repetem-se exactamente na torre de S. Julião, da parte dos soldados e até dos grilhetas com os presos liberaes. «Todos os dias, conta Silva Lopes, estava elle (*o Maia*) a gritar com os prezos, dizendo que não tratassem os grilhetas por tu, porque eram realistas e homens honrados; *e a estes mandava que só dessem aos presos o tratamento de você, unico que merecam.*» (1)

Parecia que, sendo os tyrannos d'essa epoca essencialmente defensores do antigo regimen, que era o regimen das cathegorias e das castas, deviam, ao menos n'esse ponto, differir dos energumenos revolucionarios, que pugnavam pela igualdade. Não succedia assim, repetimos, porque a tyrannia de D. Miguel era tão demagogica como a tyrannia dos convencionaes; perante a fórca havia igualdade como perante a guilhotina.

«Esse sujeito offendeu-se, dizia o Maia participando uma occorencia a Telles Jordão, de não lhe dar o tratamento de cavalleiro e tenente-coronel.

—. Aqui não ha tratamento, acudio o baxá, senão de malhados e patifes, que é o que todos vocês são.» (2)

Silva Lopes já fazia inconscientemente essa observação quando escrevia:

«Com egual desaforo tratava o guerreiro Telles a todos, alto e malo. Contra o fidalgo, cavalheiro, raso soldado pessoa do geral estado se desencadeiavam mesmo seus furores. Observava sem d'isso dar tino o principio constitucional: *A lei é egual para todos*. Mas com que malignidade applicado!» (3)

A gentalha sentiu-se tanto á vontade com este regimen absolutista como em França com o regimen revolucionario. Os principios do miguelismo eram essencialmente respeitadores do direito divino, do caracter sagrado dos reis, da essencia divinal do sangue d'essas familias soberanas. Comtudo a soldadesca na torre, e o povoléu cá fóra tratavam o irmão do seu rei tão injuriosamente como em França os republicanos tratavam Luiz Capeto. «*Vota D. Pedro e a perra que...*» (4) Esta ultima injuria, que se dirigia á mãe de D. Pedro, que a era tambem de D. Miguel, e que era alem d'isso o idolo dos absolutistas, D. Carlota Joaquina, chegava a ter immensa graça!

PINHEIRO CHAGAS.

(1) *Historia do captiveiro*, t. I, pag. 143.
(2) *Historia do captiveiro*, t. I, pag. 153.
(3) *Historia do captiveiro*, t. I, pag. 187.
(4) *Historia do captiveiro*, t. I, pag. 95.

(1) João Baptista da Silva Lopes, *Historia do captiveiro dos presos d'Estado, na torre de S. Julião da Barra de Lisboa, durante a desastrosa epoca da usurpação do legitimo governo constitucional d'este reino de Portugal*, tom. I, pag. 126. (Lisboa, 1833.) Não seguimos na transcripção, a orthographia especial adoptada pelo author.

SOROR MARIANNA JOSEFA

(1702 — 1780)

Se não é vulgar, menos ainda se póde chamar raro, o livro publicado em 1783, sem o nome de auctor, intitulado *Vida e obras da serva de Deus, a madre soror Marianna Josefa Joaquina de Jesus, religiosa carmelita descalça do convento de Sancta Thereza, do logar de Carnide*, em que se narram as virtudes e talentos da que no seculo se chamou D. Marianna de Menezes, e foi filha do conde de Tarouca, João Gomes da Silva, 4.º filho dos marquezes de Alegrete, e de sua mulher D. Joanna Roza de Menezes, 4.ª condessa de Tarouca, de quem seu marido tomou o titulo. (a)

(a) O conde de Tarouca, pai de D. Marianna, foi general de batalha, e mestre de campo general, no reinado de D. Pedro II. Embaixador extraordinario e ministro plenipotenciario no congresso d'Utrech, exercendo egual cargo na Hollanda, na Allemanha e Inglaterra, aonde falleceu. Foi tambem mordomo-mór da rainha D. Maria Anna d'Austria.

Apesar da *Vida de soror Marianna* haver sido publicada sem nome de auctor, sabe-se que foi escripta por D. José Maria de Mello, filho do monteiro-mór Francisco de Mello, padre da congregação do Oratorio, e depois bispo eleito do Algarve, resignatario da mitra em 1788, a fim de exercer as funcções de inquisidor geral, e de confessor da rainha D. Maria I, para que fôra nomeado por morte do arcebispo de Tessalonica. (b)

Antes de tomarmos conhecimento intimo com a freira de Carnide, seguindo as indicações que nos deixou o seu biographo, convem saber qual fôra a vida da secular antes de tomar a desesperada resolução de fugir da casa paterna, facto que o livro que temos presente exalta, e nós não podemos deixar de classificar como uma simples aventura romanesca, que feriu profundamente o coração da mãe, que a tresloucada prófuga engeitára. (c)

Como é vulgar nas mulheres darem a Deus o que o diabo já não quer, faremos excepção de D. Marianna de Menezes, dizendo que entrou muito nova ainda para o convento, sendo, na opinião dos seus contemporaneos, *de boa figura, e senão formosa, de rosto agradavel, bons olhos grandes e cheios de viveza, e um cabello que a todos maravilhava; um palmo lhe arrastava pelo chão estando ella em pé!*

Esta descripção do phisico de D. Marianna, que devemos crêr não peccar por hyperbolica feita por um bispo, leva nos a suspeitar que a futura freira foi mulher ainda de maiores perfeições naturaes, que o mitrado, por compostura propria do estado, não quiz esmiuçar.

Da cultura intellectual de D. Marianna, e das prendas que teve proprias do sexo, deixou tambem testemunho o auctor da sua vida «dizendo que a filha dos condes de Tarouca *escrevia tão bem que a sua letra fôra gabada até em reinos estrangeiros, sendo não menos insigne no debuxo. Tocava cravo excellentemente, e cantava muito bem, tinha bella voz e fez na sciencia da musica notaveis progressos. Tambem aprendeu a dança, e o fazia bem, com graça e desembaraço*.

Sem nos extasiarmos com a calligraphia de D. Marianna, apesar de ser prenda rara no seu sexo, e no seu tempo, compraz-se-nos o espirito em imaginar a joven fidalga relanceando os seus formosos olhos por uma partitura de Mozart, interpretando-a com a bella voz que se lhe attribue, e só largando o teclado do cravo em que se acompanhava, não para dançar insonsas contradanças, mas o gentil e grave minuette, então em voga nos salões da nobreza.

Por este tempo ainda D. Marianna trajava á moda, para comprazer com sua mãe, diz-nos o esquadrinhador apologista da futura freira, apesar, acrescenta elle, *de lhe serem desagradaveis as vaidades com vestidos que só devem lembrar a ignominia da primeira culpa!*

Com o devido respeito affigura-se-nos que o confessor da rainha D. Maria I, affirmando que os vestidos são uma recordação do peccado original, defende a primitiva folha de parra, que a nosso ver devia acirrar sensualidades, em vez de as moderar.

No seculo passado andavam em voga as missões. O padre Antonio das Chagas, creando o collegio das missões no Varatôjo, contribuiu para exaltar os espiritos femininos, que se deixavam ir atraz da palavra ardente e compungida do fervoroso missionario.

Um seu companheiro, Frei Manuel de Deus, tomára a seu cargo as consciencias das senhoras da primeira nobreza da côrte, tendo entrada franca em casa dos condes de Tarouca. D'ahi o começo do desvairamento de D. Marianna (d) pelo uso e abuso da oração mental, que os Varatôjanos recommendavam ás suas penitentes como um dos meios mais seguros de aspirar á bemaventurança.

Para attenuar naturalmente as alegrias de D. Marianna, emquanto ella levou a vida tranquilla de familia, affirma o seu biographo que só lia livros de piedade, receiando o effeito dos profanos, que tanto entibiaram a fé de Santa Theresa, emquanto os leu.

Assim será, mas depois D. Marianna ia prestar ouvidos aos Varatôjanos, e entreter com a oração mental as horas que d'antes dispensava á musica e ao desenho, não sendo crivel que imaginação tão viva, e espirito tão romanesco como o seu, se furtassem á leitura da chusma dos romances francezes que no seculo passado faziam o enlevo dos salões, escudados pela recommendação por vezes mentirosa de *la mère en permettera la lecture à sa fille*.

O que na vida de D. Marianna de Menezes, antes d'ella ser freira, se não explica, é como sendo ella, innegavelmente, uma mulher formosa, e de cultivada intelligencia, tres vezes estivesse para casar desfazendo-se outras tantas os casamentos ajustados, e de uma vez, até, com formal opposição da familia do pretendente!

(*Continúa*) L. A. PALMEIRIM.

(b) Aos exaggerados conselhos do inquisidor-mór e confessor da rainha D. Maria I, se attribue geralmente a demencia d'esta. D. José Maria de Mello foi grande conhecedor da lingua portugueza, e d'esta qualidade dá testemunho o bispo de Vizeu, D. Francisco Alexandre Lobo, nas suas «Memorias». O inquisidor-mór, D. José Maria de Mello, foi um dos nomeados para ir em 1808 cumprimentar Napoleão I em nome do reino, residindo em Bordeaux até 1814.

Foi socio da Academia Real das Sciencias, e falleceu em 1818.

(c) Os condes de Tarouca foram chefes de numerosa familia. Além de 4 filhos, tiveram 7 filhas. A mais velha, D. Luiza, casada com o II marquez d'Angeja; D Helena, que falleceu de tenra edade; D. Maria Josepha, que foi condessa de Villar Maior; D. Magdalena, que morreu creança; D. Marianna, a de que se tracta n'esta escripta; D. Thereza, que tambem foi freira em Carnide, e D. Izabel, que morreu de curta edade.

H. G. da Casa Real.—T. IX.

(d) Como curiosidade, e para sermos agradavel a quem se chame Marianna, vamos transcrever o que de uma, que foi freira no convento da Madre de Deus, escreveu um frade amador de ethymologias. Diz o homem: «O nome de Marianna, se se toma pelo seu principio, é Maria, que quer dizer abysmo, *Mariadi est abysmus*; se se toma pelo seu fim, é Anna, que quer dizer graça; *Anna, id est gratia*. Ou esta flor se considere no principio, ou no fim da sua vida, sempre foi prodigio, sempre portento, sempre um abysmo de graça.»

Esta ethymologia escapou ao erudito biographo de D. Marianna de Menezes.

OS CRIMES ELEGANTES

(CONTINUADO DO N.º 31)

IV

A governante

Era uma mulher formosa, d'uma belleza petulante, provocadora, sensual, a governante do conde de Sendim. Tinha os seus trinta e seis annos, mas conservava ainda toda a frescura da mocidade, realçada pela completa plenitude das graças da mulher já feita, que é bonita e que sabe que o é.

Era solteira, casada ou viuva?

Ao certo ninguem o sabia.

Ella dizia-se viuva, as rarissimas vezes que fallava no seu estado, mas a esse respeito corriam *zumzuns* escandalosos, e não se sabendo nada de positivo ácerca do seu passado, parecia saber-se comtudo uma coisa—é que exactamente o que ella dizia é que não era verdade.

Além d'isso, a governante nunca fallava d'esse passado, e dir-se-hia que para ella a vida começára no dia em que entrara para casa do conde.

Esse dia passára-se ha muito tempo já, ha uns oito annos, mas fôra assignalado por uma revolução completa na vida e na casa do conde de Sendim.

N'esse tempo o conde, que ainda não tinha titulo, e que era simplesmente um sr. Fonseca, como qualquer simples mortal d'este appellido, morava n'uma pequena casa modesta, proxima do Castello, na rua das Damas.

Tinha comsigo uma criada velha, que ao principio fôra dona da casa de hospedes em que elle se alojára ao chegar da provincia.

Era uma boa e santa mulher essa velha, mas o Acaso não quiz saber para nada da sua bondade e um bello dia matou-lhe de um desastre, um filho que era mestre d'obras, que a sustentava e lhe pagava as casas.

Essa morte foi para a pobre velha uma catastrophe. Reduzida á miseria, valeu-lhe o seu hospede provinciano, o Fonseca, que, de hospede passou a dono de casa, tornando-se a velha de hospedeira em criada.

E assim viveram os dois, muito tempo, vida pacata e tranquilla no modesto cubiculo da rua das Damas.

Um dia, porém, começou a apparecer lá por casa muito a miudo um amigo do Fonseca, um bello typo d'homem, franco, alegre, expansivo.

Os dois ligaram-se por estreita amisade, e o Fonseca, que até ali era raro o dia que não jantava em casa, e que em sendo nove horas estava já na cama, para de manhã se levantar cêdo para os trabalhos que o tinham trazido a Lisboa, começou a passar fóra de casa quasi todos dias, e a recolher a deshoras.

Depois uma manhã, tinha o Fonseca sahido para o escriptorio, parou á porta uma carruagem, apeou-se uma senhora e bateu apressadamente á porta.

—Quem é? perguntou da janella, a velha, muito intrigada.

—Abra, ordenou da rua a senhora.

—Mas quem procura? insistiu a velha, estranhando aquelle tom de commando.

—Abra, já lhe disse, repetiu seccamente a recem-vinda.

—Eu não abro, sem saber a quem, ora essa! tornou a velha mal humorada. Quem é a senhora?

—Abra, não vê que tenho pressa?...

—Mas quem procura?

Em vez de lhe responder, a senhora que batia á porta tirou da algibeira um porte-monnaie, e deu dinheiro ao cocheiro, ordenando-lhe:

O PRINCIPE ALEXANDRE DA BULGARIA

—Vá-se embora.

—V. ex.ª não precisa mais nada? perguntou o cocheiro.

—Não, póde-se ir.

—Mas é que a velhota não parece muito disposta...

—Não é preciso nada, vá-se embora, respondeu a desconhecida, mordendo os labios e fazendo-se muito vermelha. .

O cocheiro, contente com a paga que recebeu, quiz ser amavel, serviçal, e antes de chicotear os cavallos, voltou-se para a janella e disse á velha:

—Abra a porta, você não vê que é uma senhora fina?

—Vá dar sentenças para sua casa. Que tal está? Quem o chamou cá a dar conselhos? resmungou a velha enfurecida.

—Isso é caruncho! ora o diabo da velha, resmungou o cocheiro com ar de chacota, afastando-se lentamente com o trem. E a senhora continuava á porta, muito vermelha, muito irritada, muito nervosa.

Entretanto, a novidade do trem n'aquella rua d'ordinario silenciosa, e a altercação da velha com o cocheiro, tinham chamado ás janellas de suas casas todas as senhoras visinhas. que espreitavam o caso, intrigadas, com olhos investigadores.

—Faz favor de abrir a porta, agora, repetiu pela quarta vez a senhora que viera no coupé.

—Mas quem é a senhora? E' boa! insistiu a criada do Fonseca.

—Venha cá a baixo que eu lh o digo; não costumo estar a conversar no meio da rua, tornou muito aborrecida, com muito mau modo, a recem-chegada.

A velha fechou a janella e dando ao diabo aquella visita estranha, foi descendo pela escada os seus setenta annos e o seu rheumatismo, rosnando sempre.

Chegada lá abaixo, entreabriu apenas a porta e dispunha-se a continuar o cavaco, ali á porta da rua.

Mas a recem-chegada empurrou violentamente a porta entreaberta, deu um encontrão na velha, e subiu n'um pulo a escada.

—Mas o que é isso? Onde vae? Quem procura? Quem é a senhora? O que é que quer? Perguntou em catadupa a velha, muito admirada, assustada tambem um bocadinho, e deitando os bofes pela bocca fóra, para acompanhar a desconhecida na sua rapida ascensão.

Quando chegou lá a cima já ella tinha entrado para o gabinete do Fonseca, e sentada n'uma cadeira, tirava as luvas violentamente, n'um grande accesso de furia.

—Mas não me disse .. continuou no seu chuveiro de perguntas a velha, profundamente indignada com toda aquella semceremonia.

—Você é a mulher mais estupida que eu tenho encontrado na minha vida; é uma idiota, e vae já para o meio da rua, já.

—Para o meio da rua? Eu? repetiu a velha abrindo muito os olhos, e devéras aterrada, julgando estar defronte d'uma doida.—Mas onde imagina a senhora que está?

—Estou em casa do sr. Fonseca, sei perfeitamente onde estou.

—Mas quem é a senhora?...

—Sou a amante d'elle, respondeu ella febril, allucinada, sem ter bem a consciencia do que dizia. Agora já sabe quem eu sou, não é assim?

—A amante!...

E a velha, repetindo essa palavra desaforada, benseu-se e tornava a benser-se, no meio da mais enorme estupefacção. De repente, porém, teve uma idéa, e replicou.

—Isso não pode ser! O sr. Fonseca é casado.

—Tambem eu sou... Vamos, despache, onde está elle...

—Tambem é? Que descaramento, benza-te Deus! philosophava a velha, sem saber já de que paiz era, em que terra estava.

—Onde está elle? Onde está o Fonseca? perguntou de novo a desconhecida, pondo-se de pé, e passeiando agitadamente pela casa.

—Eu sei lá onde elle está! O sr. Fonseca não me dá conta das parte para onde vae.

—Mas para onde costuma elle ir a estas horas?

—Para o escriptorio.

—E onde é o escriptorio? E' na Magdalena, não é assim?

—Se é verdade o que diz, a senhora deve sabel-o melhor do que eu.

—Onde está o tinteiro?...

—Está ali.

—E papel?

—Tambem ali deve estar, eu não sei cá d'isso...

A desconhecida foi direita á secretaria que a velha lhe indicou, e escreveu á pressa umas palavras no primeiro papel que lhe veio á mão.

—Vae já, já levar esta carta ao escriptorio... ordenou ella.

—Eu? disse com grande espanto a velha, d'essa é que está livre.

—Hein?

—Eu não faço recados, nunca fiz, graças a Deus não sou moço de fretes...

—Mas é urgentissimo...

—Deixal-o ser urgentissimo, não tenho nada com isso, eu trato da casa, não ando pela rua.

—E se eu lhe mandar? perguntou irada, ameaçadora a desconhecida.

—E' o mesmo que não mandar ninguem, respondeu com uma grande philosophia a velha.

—Atrevida!

—Pois era o que faltava, eu agora pôr-me a chinellar pelo meio da rua, e deixar a casa ao Deus dará, entregue a uma pessoa que eu nunca vi...

—Ora essa! então você tem medo?...

—Não tenho medo de coisa nenhuma: a gente vê caras e não vê corações...

—O sr. Fonseca lhe dirá...

—Deixal-o dizer: eu é que não arredo pé d'aqui em quanto elle não vier, isso é que nentes!

Vendo que não conseguia nada e comprehendendo no fim de contas que a velha tinha rasão, a desconhecida, mudando um pouco de tom, disse-lhe:

—Então, veja se me arranja ahi quem vá já, já, levar esta carta.

—Isso é outro cantar...

—Seja porque preço fôr...

—Deixe-me ver se o filho ali da viuva. .

E a velha foi á janella.

—O' visinha! O' visinha. Está lá o seu pequeno?

-- Está, respondeu na rua uma voz esganiçada.

—Então que venha cá, para fazer um recado.

E voltando-se para dentro, disse á desconhecida:

—Já ahi vem.

O rapaz veio, e levou a carta ao Fonseca

—Depressa, ouve, o mais depressa que puder, recommendou a desconhecida. Se não encontrar lá o sr. Fonseca, pergunte onde está, indague, vá ter com elle, contanto que a carta lhe seja entregue em mão propria, e o mais breve que for possivel.

—Vou a correr.

—Se o encontrar e m'o trouxer aqui depressa, dou-lhe dez tostões.

—E' para já, respondeu o pequeno arregalhando o olho e deitando a correr.

E d'ahi a nada, a menos d'um quarto d'hora, entrava na rua das Damas um trem em furiosa batida.

(Continíu),

GERVASIO LOBATO.

AS ESTRELLAS...

Na botica d'Amares, que era o ponto de reunião dos conversadores nocturnos, havia tempo, desde o anoitecer até ás dez horas, de palestrar sobre tudo o que ia lembrando a cada um, por mais estravagante que fosse a lembrança.

O doutor Nascimento, cirurgião do partido, o Manuel Bento, escrivão da administração, o regedor, o presidente da camara, o administrador, o boticario, eram *habitués* infalliveis do club esculapico e, posto que alguns d'elles andassem ás vezes mal avindos por tricas eleitoraes, chegada a noite, mostravam todos que sabiam ser cavalheiros de educação superior a pequenos resentimentos procedentes de factos estranhos ás conversações da botica.

Ainda mais. N'aquella doce familiaridade punha-se de parte a differença de graduações sociaes e não era para admirar que o regedor estivesse ás vezes galhofando com o administrador do concelho na maior semcerimonia d'este mundo.

Era licito atacar por baldas certas, como se costuma dizer, comtanto que houvesse a coragem indispensavel para aparar com firmeza os botes do adversario jovial.

O doutor Nascimento, que em cultura d'espirito levava as lampas a todos, era o mais implacavel gladiador d'aquella arena.

Quando com soberbo desplante apontava o florete hervado, o adversario, por mais que quizesse furtar-se, pondo-se em guarda, succumbia finalmente.

Prostrada a victima, o doutor Nascimento embriagava-se com a victoria, e era então que retiniam estrepitosamente na botica as casquinadas dos *habitués*, feita a excepção do sujeito amarrado ao poste expiatorio.

O escrivão da administração que não era leigo nenhum porque tinha quatro idéas geraes ácerca de assumptos litterarios e scientificos, era por vezes a victima condemnada a supportar as demasias faceciosas do doutor Nascimento. O Manuel Bento, apesar de ser um espirito um poucoxinho cultivado, tinha uma balda, um fraco, que era por assim dizer o alvo a que miravam as zargunchadas do doutor:—o Manuel Bento tinha certa scisma com as estrellas.

D'uma vez, logo depois de ter sido nomeado, cahiu em dizer na botica:

—Uma coisa que me dá muito que entender... são as estrellas. Tenho lido que dividem os corpos celestes em estrellas e pla-

A VINDIMEIRA

netas, e a gente olha para o ceo e não sabe distinguir os planetas das estrellas.

—Pela simples rasão de ignorar a astronomia, replicou o pharmaceutico dando-se ares de academico.

—Ha de comprar um telescopio, o sr. Manuel Bento, acrescentou o doutor. Compre-o e havemos de fazer da botica observatorio. O nosso pharmaceutico mal tenha uma luneta celeste tira-lhe as duvidas todas. E' olhar para um lado e dizer—lá está Sirius, venham ver a estrella Sirius, meus senhores; é mudar de golpe a posição do telescopio e apostrophar—lá está Saturno com os seus satellites, e o annel, lá está Jupiter com os seus quatro famulos. Desde já quero saudar o novo Herschell! E o sr. Manuel Bento! Que jubilosos pasmos os do sr. Manuel Bento ao distinguir uma estrella d'um planeta! A sua duvida é sobremodo louvavel, sr. Manuel Bento. Kant, um philosopho d'essas Allemanhas, como dirá o nosso regedor, que está presente, duvidou muito mais do que o sr. e foi um grande homem. Veja pois que distincção relativa lhe não cabe, ó sr. Manuel Bento!...

E desde então por diante, quando se queria fallar d'alguma coisa ou d'alguma pessoa que se fazia esperar, era costume dizer-se:

—Ha de vir quando o Manuel Bento distinguir as estrellas.

Certa noite disse de subito o doutor Nascimento na botica:

— O' sr. Manuel Bento, os poetas é que não costumam estar com essas duvidas, chamam a todos os astros—estrellas.

—Liberdades poeticas! disse do lado o regedor que ainda não tinha fallado n'essa noite.

—Liberdades poeticas, disse o sr. regedor, e o que sr. regedor diz é evangelho, replicou o doutor.

E continuou:

—O sr. Manuel Bento se quizer viver descansado ha de fazer-se poeta. Não ha por ahi vate bordalengo que não tenha o seu astro sem cuidar de tirar de limpo se é estrella ou planeta. Olhe que doce paz, homem de Deus!

—Estou inclinado a acreditar que o doutor é tambem vate... bordalengo, perorou o Manuel Bento com applausos da assembléa.

Estes alegres piques que os *habitués* da pharmacia se mutuavam, começaram a deixar-se adivinhar em correspondencias da localidade, publicadas em periodicos do Porto e assignadas com iniciaes differentes.

Ainda nenhum dos mysteriosos correspondentes se tinha intromettido com o Manuel Bento nem o Manuel Bento com elles. O bom do rapaz andava perdido d'amores pela Anninhas do Pedral, e nem tempo tinha para ver o que diziam as gazetas... a seu respeito.

Os aristarchos conterrancos, como soubessem que elle recebia o jornal e não o abria, esperavam que o espirito do Manuel Bento andasse menos trabalhado de canceiras amorosas, para alludirem ás estrellas.

O caso é saber esperar. O amoroso escrivão da administração appareceu menos alvoroçado certo dia. Os motivos da sua tranquillidade vamos nós explical-os.

O lavrador do Pedral, que era rico e alimentava certas prosapias, comquanto soubesse dos amores da filha com o Manuel Bento, tinha d'olho o regedor, pela razão d'este funccionario haver recebido um habito de Christo em premio de serviços prestados nas ultimas eleições.

O caso é que o lavrador do Pedral costumava dizer a quem lhe fallava no casamento da filha:

—Bem sei que a cachopa pende para o Manuel Bento, que não tem mau logar e é esperto. Mas o regedor não é pobre e aveza uma fitinha. A coisa ainda he de ser como eu quizer.

Manuel Bento soube d'isto, inquietou-se, mas tanto andou para um lado e para o outro, que appareceu um dia condecorado. N'esse dia socegou.

O regedor, despeitado de certo, arriscou-se a tocar a rebate nos arraiaes da correspondencia contra a pessoa do Manuel Bento.

Tinha razão; o escrivão da administração fazia-lhe sombra. Escreveu pois o regedor um communicado mettendo á galhofa o Manuel Bento por haver recebido certa mercê regia (textual) *com que outr'ora só se pagavam os bons serviços prestados por funccionarios integerrimos ao governo de sua magestade.* O communicado vinha firmado com **, este velho signal typographico que mascára um linguareiro cobarde.

Duas estrellas! O regedor teve espirito sem saber e sem querer...

II

Amares repoisa em cochins de verdura balouçando-se entre as aguas de dois rios que a natureza fez irmãos,—o Cavado e o Homem. Como toda a povoação, como a mais estreita nesga de terra, Amares tem suas tradições historicas, seus thesouros de poesia popular,—a poesia que eu mais sinceramente amo n'este mundo. Uma ceifeira que anda nos campos, sol nado, desafia as cotovias com a sua voz doce e vibrante. Que estará cantando ella? De certo uma xacara, um romance do sitio talvez:

Oh! D. Maria, pombinha sem fel
Porque te matou aquella cruel?

Ha aqui uma historia, que é preciso averiguar. Cavando em ruinas, encontra-se o passado; profundemos para desencantar a tradição.

Um fidalgo do logar, Francisco Machado, encontrou uma noite ao recolher-se á casa do Castro sua mulher, D. Maria da Silva, conversando ao luar e em mysterio com Henrique de Sousa, commendatario de Rendufe. Passou-lhe por diante dos olhos uma nuvem vermelha como de fogo do inferno,—era a cegueira do ciume. Vinha armado, fez estalejar os gatilhos, disparou.

O sangue da victima, que tinha morrido innocente, cahiu no chão e não seccou jámais. Decorridos tempos, Francisco Machado casou em segundas nupcias com D. Mecia de Mello, filha de Gonçalo Coelho da Silva. A punição d'um momento de hallucinação não se fez esperar muito; D. Mecia realisou o que a respeito de D. Maria eram apenas conjecturas erradas.

O caso passou á tradição e o povo começou a cantar:

Oh! D. Maria, pombinha sem fel
Porque te matou aquelle cruel?

Mas a nossa historia, que é feito d'ella, que já se lhe perdeu o fio, d'enredada que está? Ahi vae o seguimento: recomeçemos a fallar de Manuel Bento e da Anninhas do Pedral...

Porque não fallarmos antes no regedor, que tambem andava namorado? Porque o Manuel Bento era o preferido.

Entra-se para o Pedral por uma rua comprida que tem uma ramada por toldo em toda a sua estensão. São tão bastas as folhas, de tal modo sobrepozeram, com tal geito se penduraram aos lados para fazer parede, que mais parece tudo um immenso kiosque feito para os passaros e para os namorados. A luz d'um verde escuro, suavemente temperada, conserva-se alli n'um crepusculo perpetuo, como se atravessasse uma *persiana* posta pela natureza. E' realmente bonito.

—Anninhas?

—E's tu?

—Sou eu, sim. Antes que fugisse o sol, quiz vir lembrar-te que amanhã, quando se esconder outra vez, já nos ha de deixar casados, unidos para sempre, Anninhas...

—Se me lembrava!

—Sinto-me tão feliz, que desejava um throno d'oiro para que te sentasses n'elle. Eu sou ambicioso, Anninhas, e penso em vêr-te tão ditosa, que não podesse ninguem conhecer-te na villa...

—Ah!

—Sabes lêr, sabes escrever, sabes bordar, e eu queria mais... Queria mandar-te ensinar todas as prendas d'uma senhora. Dar-te um palacio, e vestidos, e perolas...

—E perolas?...

—Sim, e perolas. A aldeia é pequena para mim e mais que a necessidade de trabalhar me prende a ella o teu amor...

—Tenho pena de não ser muito rica...

—E's bastante, muito para o logar em que vives. Todavia não poderemos por emquanto sahir d'aqui. Se um dia a sorte nos sorrir, então deitaremos vôo para a cidade e realisarei tudo o que os meus sonhos me dizem... O Manuel Bento saberá então desprezar esta gente estupida que falla politica desde pela manhã até á noite, sem saber o que seja politica...

—Como seremos felizes!

—O primeiro elemento da minha felicidade é porém o teu amor.

—Que não te faltará nunca...

—Adeus, Anninhas, ao romper do dia estarei na igreja para commungar.

—E eu tambem...

—De tarde, a esta hora, talvez mais cedo, receber-nos-hemos...

—Ah!

III

O regedor pensou toda a noite se devia assistir ao casamento ou não. Ir, era ter de congratular-se com a propria derrota; não ir, era revelar despeito e fraqueza. De que lhe valera a venéra? De nada. Suou, cançou-se, levou á urna dezenas de votos. Que premio teve? Um pedacinho de fita, um pendericalho. Poderia com tal honra fazer um casamento rico. Elle tinha a «nobreza»; a noiva devia levar a «riqueza.»

O Manuel Bento nem suou nem se cansou nem arranjou votos: deitou apenas o seu. Vae depois, escreveu para Lisboa, metteu empenhos, e teve igual honraria.

De que valia ser regedor? A desconsolada auctoridade esteve para dar-se a demissão. Mas... Susteve-o um *mas* tanto para temer, ou muito mais ainda, que qualquer *mas* do padre José Agostinho. Mas as chacotas da botica? E o que diriam, o que debicariam no caso os desfrutadores de má morte!

Se não fosse ao casamento, como o chasqueariam! Se fosse, como olhariam todos para elle com um olhar lacerante, percuciente, incisivo!...

O regedor antes queria ter perdido as eleições.
Resolveu-se, engravatou-se e estudou um ar de riso, como para não se mostrar ferido.
O doutor Nascimento foi o primeiro que elle encontrou no adro da egreja e o esperou ainda a distancia com um risinho amarello, risinho de mofa, de fazer perder a cabeça.
—O' sr. regedor!...
—O' meu amigo!...
—Não ha remedio senão congratularmo-nos com a opposição...
—Ha de estar hoje um dia de calor!...
Pobre homem, a querer evitar o golpe, e a não ter mão em si que não se denunciasse!
Quando os noivos sahiram da igreja, todos se aproximaram para felicital-os. O regedor abeirou-se, agitado, nervoso, atordoado, e apertou a mão ao Manuel Bento.

Quando chegou a vez ao medico, que apesar de tudo era amigo do noivo, aproximou-se e disse com a franqueza que lhe era propria:
—Parabens, Manuel Bento, duplos parabens, porque está casado e porque tambem já deve conhecer as estrellas...
—Ah! doutor, sempre implacavel!
—E' que dos olhos bonitos para as estrellas vai tão pequena differença!...

(*Conclue*). ALBERTO PIMENTEL.

AS NOSSAS GRAVURAS

RIO TAMEGA

Nasce na Galliza a N. de Monte Rei, rega o fertil e delicioso valle de Chaves, atravessa o Marão, passa em Amarante, e entra na direita do Douro, 7 ou 8 leguas acima da Porto.
O seu curso em Portugal é de 16 leguas.
A nossa gravura representa um dos pontos mais pittorescos das margens do rio.

O PRINCIPE ALEXANDRE DA BULGARIA

O principe Alexandre de Battenberg, que subiu ao throno da Bulgaria em virtude d'uma resolução adoptada pelas potencias, no Congresso internacional de Berlim, é filho segundo do principe Alexandre de Hesse.
Physicamente considerado, o principe Alexandre é um homem esbelto. Herdou de sua mãe o cabello castanho, os olhos azues, e a regularidade formosissima do perfil; e de seu pae a estatura elevada e a largura de hombros, que distinguem a familia grã-ducal de Hesse.
Todos quantos teem visitado a Bulgaria e a pequena côrte de Sofia são unanimes em confessar que Alexandre I é o mais bonito homem do seu paiz.
Fructo d'um casamento morganatico, o principe não podia aspirar ao throno da Bulgaria, mas a sorte quiz que a assembléa de notaveis bulgaros, reunida ha seis annos em Tirnova, o escolhesse para seu soberano.
A noticia d'esta eleição surprehendeu Alexandre I em Postdam, onde se achava de serviço, como capitão das guardas do rei da Prussia.
Dois annos depois da sua chegada a Sofia, em 1881, o principe Alexandre deu o golpe de Estado, suspendendo a Constituição dada em Tirnova, que, passado pouco tempo, teve de pôr novamente em vigor.
Os acontecimentos ultimamente occorridos na peninsula dos Balkans, são obra sua, e teem-lhe dado uma notoriedade enorme.

A VINDIMEIRA

Salta bem á vista que a vindimeira da nossa estampa não é italiana, franceza, ou portugueza, mas sim hespanhola. E' uma andaluza fielmente retratada pelo pincel do artista.

S. JOAQUIM, SANT'ANNA E A VIRGEM

ESCULPTURA ATTRIBUIDA A MACHADO DE CASTRO

Esta notavel obra d'arte attribue-se a Machado de Castro, author do monumento a D. José I, na praça do Commercio em Lisboa, e revela, effectivamente, o estylo d'aquelle famoso artista.
Não se sabe ao certo qual é a proveniencia da bella esculptura, e a sua historia só é conhecida desde 1807, em que o sr. Antonio Joaquim Nunes, commerciante estabelecido na rua da Prata, a comprou a uma senhora na travessa da Cara.

O sr. Nunes comprou esta imagem por se ter agradado muito d'ella, mas ignorando completamente que fosse uma obra de arte de grande valor.
Em 1882, por occasião da Exposição d'arte ornamental, o sr. Nunes resolveu expôr em publico aquelle grupo, e para isso se dirigiu á commissão da exposição e lhe apresentou a obra que desejava expôr. O grupo foi acceite para ser exposto, e, segundo o sr. Nunes diz, houve um membro da commissão, o sr. Teixeira d'Aragão, que propoz a compra do referido grupo, ao que o sr. Nunes não annuiu, por não ter ainda resolvido desfazer-se d'elle.
Por essa mesma occasião sab'a o sr. Nunes da bocca do professor Lupi, já fallecido, que o grupo era uma obra d'arte de primeira ordem, que o seu auctor devia ter sido Machado de Castro e que o seu valor estimativo era grande, porque não havia outra assim.
Esta revelação do auctorisado professor foi para o sr. Nunes uma verdadeira surpreza, firmando-lhe o proposito de não vender o seu precioso thesouro, quando o sr. Aragão lhe propoz comprol-o, e de fazer reconhecer a vantagem d'expôr a esculptura, como meio de melhor se certificar do seu valor, pela critica que ella necessariamente despertaria.
Não teve, porém, essa satisfação, porque a esculptura não foi exposta!
Este facto levou o sr. Nunes a fazer a exposição publica do grupo no seu proprio estabelecimento. Convidou a imprensa a examinar aquella maravilhosa esculptura, e o facto entrou no dominio publico. A concorrencia foi grande, e d'esta vez appareceram muitas pessoas nacionaes e estrangeiras, que apreciaram devidamente a grande obra, chegando a fazer offertas para a comprarem.
Isto influiu consideravelmente no espirito do sr. Nunes e aguçou-lhe o desejo de vender a esculptura.
Mandou então tirar photographias do grupo, de que distribuiu alguns exemplares a varias pessoas de competencia, enviando outros para os museus da Europa e da America.
Pouco depois recebia algumas propostas de compra, sendo de Londres a mais importante, de onde tambem lhe manifestavam o desejo de ver o original.
Esse desejo foi satisfeito, e a singular obra attribuida a Machado de Castro lá levou o caminho de tantas outras preciosidades artisticas que teem sahido de Portugal para os mnseos estrangeiros.
A esculptura está actualmente em Londres, e talvez vendida por uma somma que não obteria em Portugal.
A gravura dispensa-nos de uma minuciosa descripção, e por isso apenas diremos que o grupo mede cerca de 0m,50 de altura e que está resguardo por uma maquineta dourada, primorosamente entalhada, no gosto do seculo passado. A expressão das figuras é d'uma realidade surprehendente, á excepção da cabeça da Virgem, que é um pouco desproporcionada, no que o author obedeceu á convenção mystica, como tantos outros artistas notaveis.

PONTE DO TERGES E COBRES

Uma dos mais importantes obras que se teem construido para o serviço de viação publica é a ponte do Terges e Cobres. O projecto é do sr. José Joaquim de Mattos, a cargo de quem, n'aquella epoca, estava a direcção das obras publicas do districto.
Foi encarregado da direcção da obra o sr. Domingos da Apresentação Freire, major de artilheria, engenheiro a quem se devem importantes serviços, todos elles executados com um zelo, actividade e intelligencia inexcediveis.
Na construcção dirigida por este sr. até á collocação das impostas, foram seguidos os preceitos que a sciencia e a pratica aconselham, sendo o projecto ampliado, por conselho d'este mesmo engenheiro.
Depois da retirada do major Freire, seguiu a obra sob a direcção do conductor Loduvino Homem.
A ponte, principiada a construir na primeira semana de outubro de 1858, ficou construida em março de 1863, tendo importado na quantia de 59:709$475 réis.
A nossa estampa dá uma idéa muito approximada da solidez e importancia d'esta obra, que serve para passagem da ribeira que corta a estrada que liga Mertola a Beja.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

CHARADAS

NOVISSIMAS

Andando pelo mar esta ave é uma canção—2—2.
E' para repouso d'um orgão no theatro—2—1.

S. JOAQUIM, SANT'ANNA E A VIRGEM

ESCULPTURA ATTRIBUIDA A MACHADO DE CASTRO

MAQUINETA QUE RESGUARDA A ESCULPTURA

Busca este animal no rio Nilo—2—2.
Aquece esta bebida no mar—1—1.
E' pronome, virtude, nota, vogal e mulher—1 -1 - 1—1.

J. Vellozo.

Este homem zombava d'esta mulher—2—2.
Esta planta moe esta outra – 2 – 1.

Covilhã. A tonio A. de Figueiredo.

CHARADA CONIMBRICENSE

(Ao eximio charadista Matheus Junior)

A primeira vertical
Todos nós devemos ter;
Aquelle que o não tiver
Bem infeliz deve ser.

A segunda vertical
Além de ser embaraço,
Pode-se ainda encontrar
De madeira, ferro ou aço.

A primeira horisontal
Denota certa pesquiza;
Para o leitor a encontrar
De muito geito precisa.

A segunda horisontal,
Posso de certo affirmar,
De ser «pista» com certeza,
Não sendo termo vulgar.

Na primeira diagonal
Temos uma tradição,
Que, não sendo portugueza,
Só no hebraico a acharão.

Agora dou, finalmente,
Na segunda diagonal,
Certa coisa conhecida
Por uma planta usual.

Castello Branco. Xavier Rodrigão.

LOGOGRIPHOS

(Por lettres)

(Ao insigne charadista «Petit Diable»)

2, 9, 3, 9 — ARVORES — 4, 1, 8, 3
1, 4, 10, 5, 6 — — 2, 1, 4, 1, 9, 2
4, 3, 9, 1, 11, 10, 9 — — 5, 8, 10, 6, 9, 3, 4
2, 10, 3, 4, 9, 2, 11 — — 1, 9, 7, 11, 1, 4, 1, 9, 11
4, 3, 11, 6, 9, 10, 2 — — 5, 8, 3, 6, 9, 10, 11
6, 5, 9, 1, 8, 2 — — 1, 4, 7, 11, 5, 2
2, 5, 8, 9, 4 — — 4, 3, 6, 1, 2

|

5, 6, 3, 1, 4 — * PEIXES * — 2, 1, 9, 5, 8
8, 9, 3, 11 — * * — 11, 3, 1, 4
1, 4, 10, 5, 2 — * * — 7, 2, 11, 1, 4,

|

1, 4, 3, 2 — PLANTAS — 5, 11, 4
1, 3, 6, 7, 4 — — 5, 9, 7, 2
4, 9, 5, 9, 3, 9 — — 1, 3, 11, 1, 11
1, 4, 3, 11, 2, 7, 2 — — 5, 9, 7, 8, 9, 10, 2
2, 3, 6, 9, 10, 4 — — 1, 10, 2, 1, 1, 4
4, 1, 11, 3, 11 — — 2, 1, 11, 9, 11
4, 9, 5, 11 — — 1, 9, 5, 11

ARVORE

A Amor de Mello.

(A' primeira pessoa que me enviar a decifração, offereço, como premio, o *Paraizo Perdido*, um volume)

E' tão linda e bella,
Tão pura e singela,
Que nem uma flôr!—5, 8, 4, 7, 2, 5, 8
Se a ouvires cantada
Por voz bem timbrada,
Com todo o primor.—6, 3, 4, 2

Mas custa a encontrar,
Não sendo vulgar,
A todos espanta.—1, 6, 3, 2
E' de *ouro* ou de *prata*,
Não sendo barata
A todas encanta!—2, 3, 3, 8, 1, 6, 5, 2

E' divina e nobre,
Consolando o pobre,
Na sua afflicção;
De Deus é querida,
Se fôr exercida,
Mas, com devoção.

Castello Branco. Xavier Rodrigão.

PROBLEMA

Um relogio, que se atraza 2 minutos em 24 horas, está certo ás 5 horas da tarde do dia 22 d'abril. Que horas serão no dia 25 do mesmo mez, quando o relogio marcar 8 horas da manhã?

Moraes d'Almeida.

DECIFRAÇÕES

Das charadas novissimas:—Fragata—Tapada—Serpa—Alfaiate—Caldeirada—Catalogo—Sanguesuga—Favorita.
Das charadas em verso:—Chicara—Frioleira.
Da charada telegraphica:—Sina.
Da charada em quadro:—Ma ri a
ri bei ra
a ra nha
Dos logogriphos: Cantiga—Castello Branco.
Do problema:

Ac	Re	Do	Vp
Vo	Dp	Rc	Ae
Rp	Ao	Ve	Dc
De	Vc	Ap	Ro

As letras A, R, D, V, representam az, rei, dama e valete; as letras c, e, o, p, designam copas, espadas, oiros e paus. A solução que apresentamos é uma das muitas soluções que o problema póde ter.

A RIR

Pensamento d'um sceptico:
—Gosto das mulheres já maduras, porque caem por si.

*

X... consulta um amigo intimo ácerca do tratamento que deve fazer seguir a sua sogra, que está gravemente enferma:
—O que achas? Devo escolher um allopatha ou um homœopatha?
—Eu sei lá! Tão bons são uns como outros. Os primeiros matam os doentes; os outros deixam-os morrer...
—N'esse caso, prefiro um allopatha; a pobre creatura soffrerá menos assim.

*

N'um *restaurant* modesto e pouco frequentado de Lisboa:
Um freguez almoça ovos quentes, e faz uma careta, que não deixa duvidas sobre a sua frescura
Apparece o creado.
—Dize-me cá: quanto tempo conservam vocês aqui os ovos?
—Quanto tempo? Até apparecer alguem que os peça, o que é rarissimo.

ESTUDOS LITTERARIOS

NICOLAU LENAU

I

E' originalissima a individualidade d'este poeta, qualquer que seja o ponto de vista em que nos colloquemos para examinar-lhe as singulares prendas do talento, as extravagantes incoherencias do caracter, as intermittencias do espirito, simultaneamente cristalisado e obscurecido pelos rebates da *nevrose*.

Nicolau Lenau é, depois de Gœthe, e porventura antes de Heine, o maior poeta da Allemanha.

Gœthe personifica, como o Moysés *puissant et solitaire* de Alfredo de Vigny, a força creadora, a magestade olympica, fulgurando em um inaccessivel throno de luz.

Heine é a suprema expressão da ironia, o riso amargo, bordado de um fio de lagrimas.

Nicolau Lenau é a sensibilidade extreme, a commoção dilacerante, o cantico, divinamente melodioso, de uma ave nascida nas regiões ignotas da Chymera, amparando-se, ao descer á terra, ao seio uberrimo da mãe commum:—a Natureza.

Ninguem melhor do que elle soube vêr e pintar os amplos horisontes esfumados na meia sombra do crepusculo, as paizagens rindo á gloriosa luz do sol, a symphonia do campo executada pelo brando rumor das arvores, vergando ao sopro da viração, pelas gargantas das serras, desenhando no espaço os seus perfis sinuosos, pelos lagos encrespados e pelos esmaecidos occasos do outomno, exhalando, nos paroxismos de uma agonia suavissima, um adeus profundamente saudoso.

A poesia de Nicolau Lenau, nervosa, perturbada, sulcada de nostalgicas tristezas, como a musica de Chopin, guarda no entanto, na sua tumultuosa concepção, a maravilhosa harmonia da fórma e a sonoridade do rythmo, que a assignalam entre todas, e que constituem o segredo da fascinação exercida por esses formosissimos *lierders*, que se chamam *Lieb sklange* e *Schi fl eder*.

As crenças de Nicolau Lenau soffriam, como as vibrações do seu estro, a influencia das mais oppostas e multiplas impressões.

Os impetuosos sentimentos que se debatiam no seu coração, as phantasias que revoavam atravez do seu cerebro exaltado, quebravam as azas contra o inflexivel granito d'essa organisação quasi selvagem, successivamente ingenua, apaixonada, pueril e versatil.

Nenhum laço logrou prendel-a definitivamente, á excepção do religioso amor filial, votado á santa que lhe deu o ser.

A mesma penna idyllica que engrinaldava de lirios e rosas a fronte eburnea de Sophia, immergia de subito, como a penna de bronze de Spinosa, em um abysmo de truculentas amarguras...

Então, o que o poeta experimentava, não era a nostalgia do azul, de Gautier, não era a convencional desesperança de Fichte, não era o sombrio humorismo de Baudelaire e Põe, não era *la gentilezza del morir* de Jacobo Ortis, o

> *Arcano è tutto*
> *Fuor che il nostro dolor,*

dos desilludidos d'áquem e além dos Alpes; não era, finalmente, o aphorismo dictado, ha 24 seculos, pela dogmatica misantropia de um principe indio, ao qual se antepõe a victoriosa eloquencia do Achilles da Odyssea, exclamando para o seu amigo Ulysses, quando ambos trilhavam a pedregosa estrada do inferno: *«Não tentes consolar-me da morte, nobre amigo; preferiria assoldadar-me a infimo mister, e cavar a terra de um humilde lavrador, do que ser o primeiro na mansão das sombras»*. Encontrando-se Achilles, n'essa glorificação da vida humana, com o *Ecclesiastes*, interpretado pela conceituosa maxima de Homero: *«Mais vale um cão vivo do que um leão morto»*

Não brotavam, em resumo, dos tormentosos versos de Nicolau Lenau vãos protestos declamatorios.

O estylo convulsionava-se-lhe; o poeta soffria a crise dos epileticos; o seu allucinado espirito luctava contra a obcecante visão de um destino tragico, vagamente entrevisto; as suas palavras escorriam o fel das lagrimas: «—Tenho no coração uma chaga incuravel, diz Lenau a sua mãe;—Não deixará ella de sangrar até ao derradeiro instante;—Sinto que cada vez mais me devora a atribulada existencia, que não tardará a apagar-se.»

Como já disse, as influencias mezologicas exerciam sobre Nicolau Lenau um imperio despotico.

A composição do seu poema *Fausto*, guiando-o naturalmente para a corrente scientifica, que deveria revelar-lhe a complexidade da grande alma universal, a Natureza, fez do poeta um apaixonado pantheista.

Pouco depois, tomado de assombro perante uma das mais extraordinarias figuras do seculo XV, ao delinear o esboço do poema *Savonarola*; arrastado pela trovejante e arrebatadora eloquencia do severo dominicano, do fanatico monge, Nicolau Lenau apostatou das suas primitivas crenças.

«Mandei de presente o demonio do pantheismo ao seu paiz nativo,—o inferno, escrevia o poeta, em 1837, a Kerner, seu intimo amigo. Da analyse minuciosa a que submetti o meu coração, acrescentava Lenau, vibrando sob a influencia de um mysticismo supersticioso, resultou ver-me obrigado a expulsar do seu fôro intimo muitos canalhas.»

Mais tarde, as suggestões adstrictas ao plano dos *Albigeois*, alluiram o christianismo de Lenau, a ponto de inspirarem apprehensões ao orthodoxo Kerner.

Por ultimo, o legendario D. João, idolo fascinador de todos os grandes poetas, conduziu-o repentinamente ao extremo opposto.

O espirito do poeta, hesitando sempre, mais ou menos, na sua orientação, avido de uma verdade ainda não revelada, sedento de uma luz sobrehumana, pungido da nostalgia da perfectibilidade, aprisionado, como uma aguia, dentro de uma gaiola de arame, oscillante e como que perdido nos sombrios dedalos da metaphisica, desnuda, por vezes, o cahos em que se transvia.

A poesia *Tarde de outomno*, grito lancinante e dolorosamente interrogador, marca uma d'essas terriveis crises.

II

Nicolau Lenau era natural da Hungria, o paiz das cabeças ardentes, dos vinhos generosos e dos corações apaixonados.

O sol de agosto, o alegre e fecundo sol da sua aldeia natal, Casatad, cerca de Temesvar, aqueceu-lhe o berço.

«E' tal o ardor do sol de Casatad, diz-nos elle proprio, que é capaz de frigir ovos.»

Nicolau Lenau nasceu no dia 13 de agosto de 1802.

A versatilidade, a desordem, o fatal desiquilibrio das suas faculdades mentaes, tinham por ventura a sua principal origem atavica no casamento desigual dos paes.

A mãe de Nicolau desposára, aos 17 annos, um official de cavallaria, já encanecido. Um desgraçado amor, bem cedo mallogrado, uniu Thereza Maigraber a Francisco Niembsch von Strehlenau. Strehlenau trouxera dos bivacs habitos de bohemio inveterado e a vulgar inconstancia, que feriu mortalmente o effusivo coração da innocente noiva.

Nicolau bebeu nos germens da vida phisica a morte das illusões de sua pobre mãe, e levantou do berço a funebre tristeza, que raro o abandonou. Em seguida, perdeu o pae, á hora em que a sua debil infancia carecia de apoiar-se a um braço protector, que lhe guiasse os primeiros passos. A mãe, que resumira n'elle todas as ternuras do seu esphacelado coração, fez lhe collar dos braços e vestiu-o de ardentes beijos.

O futuro, a incerteza de um destino tão precocemente orphanado, o perigo de se deixar apenas subordinado ao arbitrio do capricho e da phantasia a inexperiente mocidade de Nicolau, nada assustava essa mãe credula. De tão alto que o punha o seu amante coração, parecia-lhe invulneravel o filho estremecido!

Mas a funesta estrella do poeta não deslisava da sua implacavel orbita, obscurecida de densas nuvens.

Nicolau amava com todos os impetuosos enthusiasmos da sua fogosa imaginação a doce amiga condescendente, que lhe adivinhava as vontades, que lhe antecipava os desejos, que applaudia os seus caprichos, como as sentenças de um oraculo, que era meiga e paciente, bondosa e dedicada.

Por isso, mais tarde, o poeta, cravando os olhos da saudade no radioso vulto da santa, que se não soubera robustecel-o para as luctas da vida, lhe dera em troca thesouros de infinito amor, exclama, regando de lagrimas a angulosa pedra do seu calvario:

— «Só uma unica mulher conheço—A quem de bom grado confiaria as minhas secretas penas—Ah! se me fôra dado, suspenso de seus braços, soluçar e gemer!..—Mas essa dorme ha muito sepultada debaixo da terra!—O' mãe! volta, compadece-te das minhas agonias!...—Se o teu amor vela ainda alem da morte—E se tu pódes, como outr'ora, embalar teu filho».

Thereza casara pela segunda vez com um medico, e fora habitar com o filho nas visinhanças de Tockay.

Voaram para Nicolau dois annos de serenos jubilos e de ridentes miragens, que lhe afagavam a alma impressionavel. O poeta gosou então a ventura proveniente do amor inalteravel e da infinita abnegação, ideal que só as mães é dado realisar na terra.

A doentia e nervosa poesia de Lenau, ainda embryonaria, ficou devendo ás frescas paizagens de Tockay, emmolduradas de viridentes pampanos, onde espumam jorros de agua fertilisadora, iriados pela fulva claridade do sol, serpentiando crystalinamente entre os taboleiros de relva, a sua alegre nota colorida.

Mas o futuro, que de longe o chamava, a esphinge que o attraia, o desfiladeiro que era mister subir para alcançal-a, o estudo que deveria desdobrar-lhe a irrequieta aza da fantasia, arrancaram-o, em 1819, aos carinhosos braços de Thereza e aos dias azues do valle. Nicolau Lenau partiu para Vienna.

As arvores, postados ao longo da estrada, pareciam acenarlhe um adeus affectivo; e os rios, ondulando no seu leito debruado de flores, as vides entrelaçadas em abobadas de verdura, os

passaros embuscados nas balseiras, as cearas, encrespando-se ao perfumado vento da madrugada, appareciam segredar-lhe na sua muda eloquencia, que mais valera para a felicidade do poeta a simpleza rustica do seu convivio, do que a complicada e nebulosa sciencia que elle ia buscar longe, a troco da paz do espirito.

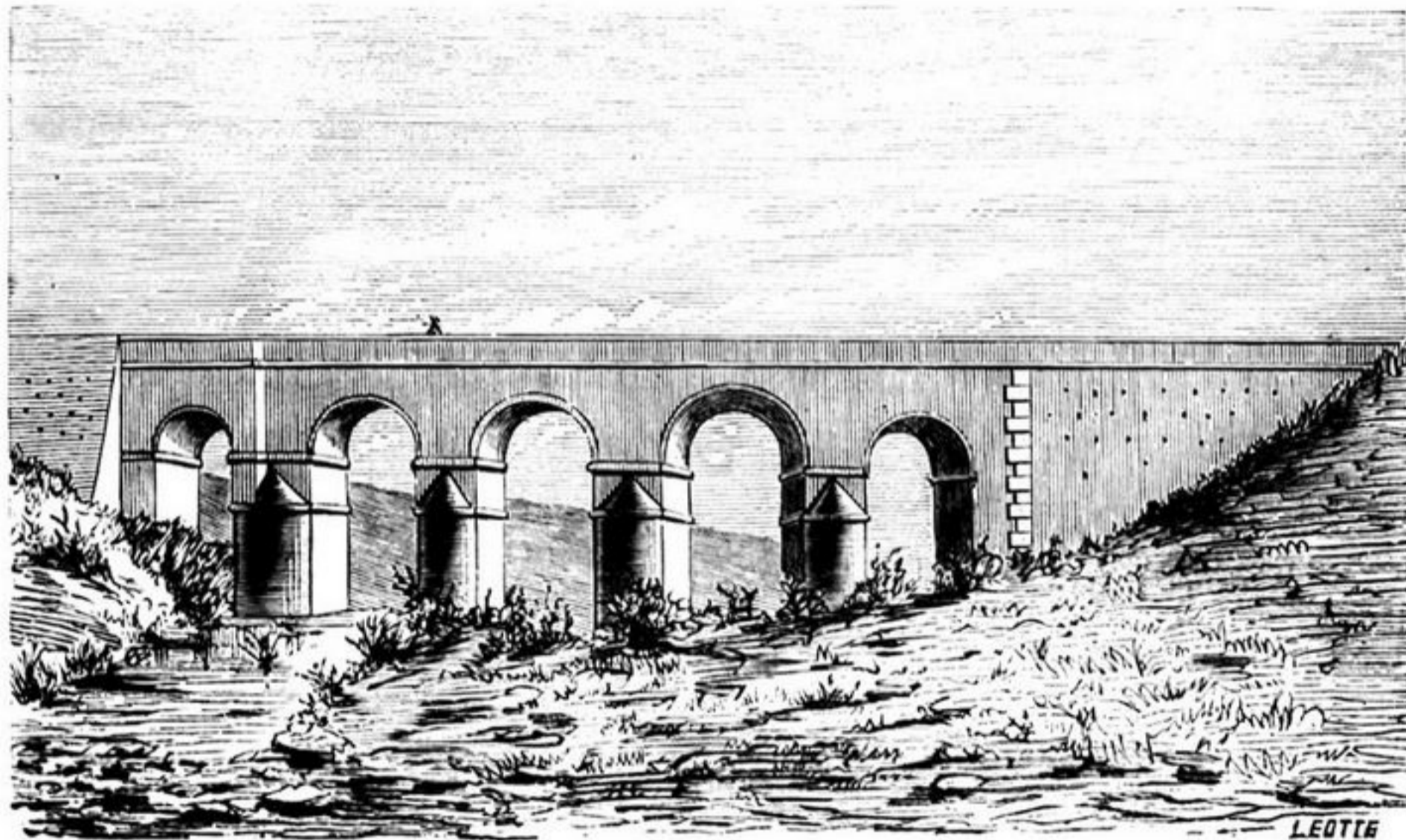
Se a palavra do seu destino se lhe houvesse então revelado, e Nicolau volvesse á humilde e obscura existencia de Tockay, a Allemanha perderia um dos seus mais gloriosos poetas, mas o desgraçado teria esmagado a tempo o demonio zombeteiro que tomava para ludibrial-o aspectos seductores...

A' medida que Nicolau Lenau se adiantava no estudo, desciam dos altos céus mysteriosos, que o poeta interrogava, os sonhos, as chymeras, as doidas fantasias, que vinham abater-se, como um bando de corvos esfaimados, no seu perturbado coração.

Agitavam-lhe o cerebro esses turbulentos hospedes, baralhavam-lhe as idéas, subiam-lhe á cabeça, como um velho Borgonha embriagador, e devoravam lhe o coração!

N'essas horas de febre e de despedaçadora lucta mental, a alma do poeta refugiava-se no luminoso valle de Tockay, onde cantava uma divina musica, idealmente melodiosa, a candida juventude que elle alli deixára, porque não houvesse senão sua mãe e o florido oasis da sua inf ncia que soubessem entender-lh'a.

(*Continua*)

GUIOMAR TORREZÃO.

PONTE DO TERGES E COBRES

CURIOSIDADES

O PLANETA VENUS

D'um precioso artigo que Flammarion acaba de publicar na *Revue Mensuelle d'Astronomie Populaire*, ácerca do brilhante planeta que ha algum tempo se admira no firmamento, extractamos os seguintes periodos, que, por certo, serão lidos com prazer pelos nossos leitores:

«Qual é,—pergunta Flammarion,—a causa do extraordinario brilho que actualmente offerece Venus, sendo um planeta do mesmo volume que o nosso, composto de terra, agua e nuvens, e tendo a mesma densidade media?

Venus reflecte a luz solar, que recebe como nós recebemos, e á similhança do globo que habitamos, tem só uma metade illuminada pelo astro do dia.

Actualmente, apresenta-se aos nossos olhos sob a fórma de meia lua, e dista da terra a *bagatella* de 6 milhões de leguas, sendo esta a maior proximidade a que póde achar-se de nós.

Ao invez do que succede com Marte, cuja geographia se conhece perfeitamente, e que póde apresentar-se á nossa vista illuminado pelo sol, Venus só se nos mostra de perfil. Isto, no entanto, não serve de obstaculo a que os astronomos o tenham estudado em todas as suas posições. A sua perseverança permittiu-lhes medir a altura das principaes montanhas do planeta Venus, algumas das quaes são mais elevadas que os Andes e o Himalaya.

A atmosphera de Venus é mais densa que a que nós respiramos e contém, como a nossa, muito vapor d'agua, sendo a sua densidade duas vezes maior que a da terra.

As estações ali são muito rapidas e variadas, não durando cada uma mais de 56 dias.

Devemos notar que em Venus o anno consta de 224 dias e o dia tem 23 horas e 21 minutos.

No equinocio da primavera experimenta-se um verão mais ardente que o dos tropicos; aos 56 dias, no solisticio do verão, disfructa-se um tempo analogo ao das nossas regiões temperadas, com a unica differença de que a noite é muito curta: decorridos outros 56 dias, ha um segundo verão, tão ardente como o primeiro; e, finalmente, no solisticio do inverno os dias são mais pequenos e o frio tão intenso como no nosso circulo polar.

Para soffrerem estas variações sem detrimento do corpo, é preciso que os seres tenham ali uma organisação muito differente da nossa.

As estações de Venus não se parecem em nada com as da terra e as de Marte. A sua atmosphera e os seus mares soffrem uma continua evaporação e o seu ceu está coberto de nuvens, que raras vezes deixam ver o solo geographico do planeta.

Os estudos ultimamente realisados revelam-nos que os seus mares se estendem principalmente ao longo do Equador e são mais mediterraneos que vastos oceanos. O calor e o frio são temperados pela influencia das aguas, e é de presumir que as regiões mais favorecidas sejam as costas d'esses mares interiores.

Os effeitos de luz e sombra que se admiram em Venus, a coloração das nuvens ao pôr do sol, as brisas da tarde, os queixumes do vento nos bosques, o murmurio da torrente e os mil rumores da vida, hão de produzir scenas semelhantes ás que presenceamos nas paizagens terrestres e maritimas do nosso planeta.

E' quasi seguro que a nossa organisação phisica não poderia resistir ás variações de temperatura a que nos referimos; mas não se deduz d'isto que aquelle mundo seja inhabitavel e esteja deshabitado.

E' de suppor que os seres organisados, para viverem no planeta Venus se encontram ali como o peixe na agua, e considerem, talvez, que a nossa terra é demasiado monotona e fria para servir de habitação a seres activos e intelligentes.»

FESTAS DO ANNO

No anno corrente caem os seguintes dias *o mais tarde possivel*, pois serão: o *Carnaval* a 7 de março; a *Quinta feira Santa* a 22 de abril, e o *Corpus Christi* a 24 de junho, dia de S. João.

Aconteceu isto mesmo em 1666, e em 1734, sessenta e oito annos depois; succederá agora, como dissemos, e só tornará a verificar-se em 1943, d'aqui a 57 annos.

E' absurdo crêr que d'este facto provenham desgraças e calamidades. Em 1666 e 1734 não sabemos que houvesse occorrido nenhum acontecimento, prospero ou adverso, digno de menção na historia.

NAUTILUS.

UM CONSELHO POR SEMANA

VINHO DE QUINA

Quina vermelha..................	50 grammas
Alcool de 60°..........................	60 »
Vinho tinto................................	1000 »

Pisa-se a quina e põe-se em contacto com o alcool durante vinte e quatro horas. Depois junta-se o vinho e deixa-se durante seis dias, agitando de vez em quando. Em seguida côa-se ou filtra-se.

Este vinho é muito tonico e recommendado para as dores de estomago e falta de appetite.

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO», TRAVESSA DA QUEIMADA 35, LISBOA